

# ULISSES:

## *esboço de uma ficha de caracterização\**

Maria do Céu Novais Faria

*À Memória*

*do*

*Prof. Joaquim Lourenço de Carvalho*

### ULISSES

Filho de Laertes, senhor de Ítaca, Samos, Zacinto e parte da terra firme em frente destas ilhas.

(Il., II, Catálogo)

"le génie méditerranéen, incarné par Ulysse,  
... Ulysse, figure de l'homme universel"

(G. Audisio, *Ulysse ou l'Intelligence*)

\* Este trabalho não pretende ser mais que aquilo que promete: o "esboço" de uma "ficha de caracterização" de uma personagem apaixonante e complexa, tal como no-la apresentam os poemas homéricos. Vamos observar o herói, primeiro na *Ilíada*, em seguida na *Odisseia*.

O herói é, através de todo o poema, um belo exemplo de ἀρετή; distingue-se, além da sua robustez física e das inequívocas manifestações de coragem, pelos dotes da inteligência: engenho, prudência, astúcia, facúndia, clarividência, sensatez - dotes que continuarão a revelar-se na Odisseia, acrescidos ainda de outras virtudes.

Ele é "o engenhoso Ulisses" (passim), aquele que "em prudência é comparável a Zeus" (II; X). Sendo assim, não admira vê-lo como chefe da missão que há-de restituir a Criseida ao pai (I).

No canto II, é ele que persuade os Gregos a não levantarem o cerco, contrariamente à estranha proposta de Agamémnon. De modo inteligente, vai falando aos chefes "com palavras corteses", aos simples soldados "com rudeza", intimando-os a obedecer aos chefes. Castiga a insolência de Tersites de forma um tanto dura, para evitar qualquer quebra de disciplina.

Ele é "o astuto Ulisses", que "sabe todos os enganos e os engenhosos pensamentos", segundo a apreciação de Helena (III). E, no mesmo canto, Antenor (de quem Ulisses, juntamente com Menelau, fora hóspede em Tróia, para negociar a entrega de Helena e dos seus tesouros, antes de começar a acção da Ilíada) informa de que ele, nas assembleias, antes de iniciar um discurso, parecia intimidado, como um "ignorante" ou um "tolo"; mas, quando começava a falar, "nenhum homem poderia rivalizar com ele". Esses dotes de orador, a argumentação inteligente e hábil, vai Ulisses revelá-los bem, no canto IX, durante a embaixada a Aquiles.

Ainda no canto III, Príamo repara que ele "não levanta tanto a cabeça como Agamémnon", mas "é mais largo de ombros e de peito". De facto, Ulisses é espadaúdo. A essa robustez física corresponde uma coragem sem mancha. Ele é um dos nove aqueus que se oferecem para o combate singular com Heitor, por meio do qual este desejaria pôr fim à guerra (VII). Efectivamente, as suas façanhas são grandes, em geral ao lado de Diomedes. Quando este é ferido, no canto XI, protege-lhe a retirada. Sozinho, após a fuga dos companheiros, vê-se perante um dilema: pôr-se a salvo, ou bater-se, só, contra muitos inimigos. A sua ἀρετή e a sua serena reflexão mantêm-no firme. Ferido, não arreda pé; apenas grita por auxílio. Acodem Menelau e grande o Ájax, que o salvam de morte certa.

Precisamente estes dotes de coragem e reflexão sugerem a Diomedes a sua escolha para compenheiro na arriscada empresa de espiar o campo inimigo, pela calada da noite. Na verdade, Diomedes declara que ele tem, "ao mais alto grau, o coração

zeloso e a alma viril, em todas as circunstâncias" - e que "mais que todos, sabe pensar" (X).

A sua clarividência, nunca perturbada, leva-o a censurar o impulsivo Aquiles por decidir não tocar em comida nem deixar os Mirmidões fazê-lo, antes de vingar a morte de Pátroclo: é que o exército precisa de estar bem alimentado, para suportar as durezas da refrega. Reconhece a superioridade de Aquiles no combate; mas adverte-o de que, sendo mais novo, sabe menos e deve, por isso mesmo, acatar as suas palavras: "Não é com o ventre que os Aqueus devem demonstrar o luto por um amigo, mas sepultá-lo, de coração firme, após um dia de lágrimas" (XIX).

A mesma sensatez o leva a apoiar Agamémnon, quando este quer reparar a ofensa feita a Aquiles; porque "os deuses não proibem que um rei dê satisfação a um homem, quando foi ele o primeiro a ofender" (XIX). É uma atitude desassombada, que põe os pontos nos ii. E com mais desassombro ainda fala, no canto XIV, ao mesmo Agamémnon, para o repreender asperamente pela proposta de preparar o regresso: "Miserável, tu devias dar ordens a um exército sem honra, em vez de reinar sobre nós, a quem Zeus atribuiu a função de sustentar guerras terríveis, desde a juventude à velhice, até morrermos um a um".

## NA ODISSEIA

As características do herói são ainda as mesmas: grande robustez física (assinalada, por exemplo, pelo companheiro Euríloco, ao aproximarem-se da ilha de Hélio: "como és forte e não sentes a fadiga nos teus membros!", 12); coragem em todas as situações (constantemente posta à prova, através do poema); prudência, sensatez, astúcia, reflexão, facúndia - inteligência sempre em acção. Mas salientam-se também, agora, dotes de bondade e de justiça, piedade para com os deuses, paciência e perseverança sem limites.

A reflexão constante faz da *Odisseia* o poema da Inteligência - o herói é, do princípio ao fim, "o prudente Ulisses" e "o paciente Ulisses". Ele é, "em inteligência, o primeiro dos homens", como Zeus declara, no canto 1. Dele afirma Nestor a Telémaco que em Tróia "um homem houve a quem jamais alguém pôde igualar em inteligência, que se salientou em toda a sorte de engenhosos expedientes: era o ilustre Ulisses" (3). E acrescenta: "Eu e o ilustre Ulisses, enquanto estivemos em Tróia, nunca expusemos na assembleia e no conselho um parecer diferente; mas armados do mesmo espírito, aconselhámos os Aqueus com sabedoria e reflexão". Sem dúvida, Ulisses é "um

varão em conselho semelhante aos deuses" (13), que sempre procede "com sabedoria e engenho" (3).

Ulisses revela a sua sagacidade, prudência e madura reflexão, a cada passo: dentro do bojo do cavalo, ainda em Tróia, segundo refere Menelau (4); no meio da tempestade, não pondo em prática o conselho de Iro senão no momento supremo e que se lhe afigura mais oportuno (5); na praia dos Feácios, exausto, reflectindo longamente, antes de tomar a decisão de pernoitar no bosque (5) e, depois, na manhã seguinte, dirigindo-se a Nausica com "um discurso astuto e sedutor" (6); na caverna do Ciclope, congeminando um meio de salvação (9); depois de os companheiros terem soltado os ventos, ponderando o que convinha fazer (10); num dos momentos mais angustiantes da navegação, ao decidir agarrar-se à figueira de Caribdes (12); no caminho para o palácio, já na pátria, dominando um justo ímpeto contra os insultos e agressões do cabreiro (17); já em casa, quando se dispõe a combater com Iro (18), prepara o massacre dos pretendentes (19;21) e, depois deste, reflecte sobre as suas consequências (23).

Ainda "muito jovem", fora Ulisses enviado por seu pai e pelos anciãos a um país distante, "na qualidade de embaixador", para resolver um litígio - prova de confiança na sua inteligência, sensatez e facúndia (21).

"As tuas palavras são belas, e nobres os teus pensamentos", diz-lhe Alcínoo (11) - frase que sintetiza a beleza intelectual e a beleza de a traduzir por um discurso eloquente.

A inteligência e circunspecção do herói não são isentas de astúcia, expressa em actos e palavras. Calipso comenta: "És deveras malicioso e de ânimo astuto" (5). Quando Ulisses narra a sua aventura no país dos Ciclopes, declara: "... o meu carneiro, carregado da sua lã e de mim, congeminador de astúcias..." (9). Já em Ítaca, conta a Atena, que lhe aparece disfarçada, uma série de mentiras perfeitamente encadeadas, nascidas de um jacto na sua mente sagaz. A deusa comenta, ao dar-se a conhecer: "Incorrigível inventor de mil astúcias, insaciável de artifícios, ...as tuas mentiras, os teus discursos falazes de que tanto gostas no íntimo do teu coração..." (13). Ele é, de facto, o "ardiloso Ulisses", que reconhece e proclama essa faculdade: "Eu sou Ulisses, filho de Laertes, por minhas astúcias objecto de interesse de todos os homens e cuja fama atinge os céus" (9). Quando, disfarçado de mendigo, afirma a Penélope que o marido está vivo, refere-se-lhe com este comentário: "Ulisses ultrapassa, em manha, todos os mortais". Pouco antes, informa o narrador principal: "Ele dizia um rosário de mentiras, mas dava-lhes um tom de veracidade" (19). Com efeito, essa astúcia é já proverbial: "Reza a fama que em esperteza excedes todos os mortais", diz-lhe Telémaco (23).

A paciência, o auto-domínio são dons igualmente notáveis no herói itacense. Zeus o declara: "o paciente Ulisses" (5); e ele próprio o reconhece várias vezes: "Tenho um ânimo paciente" (17); "a sobreposses de paciência mantive-me nesta postura" (9). Quando o cabreiro o insulta e agride, Ulisses, depois de reflectir, "suportou a ofensa e conteve-se em seu coração" (17). A alma de Anfimedonte, no Hades, conta a Agamémnon os acontecimentos no solar de Ulisses, que "sofria com ânimo paciente ser ferido e injuriado no próprio palácio" (24). Do princípio ao fim do poema, o herói é o "paciente Ulisses".

Essa paciência não exclui a cólera, quando é caso disso. Que era capaz de contender "com palavras terríveis" refere o canto de Demódoco (8); e que sabia castigar com o máximo rigor vê-se pela morte dos pretendentes e das doze escravas (22). Mas o herói nunca se mostra arrogante. Veja-se, por exemplo, o episódio dos jogos no país dos Feácios (8).

A coragem varonil com que suporta trabalhos e sofrimentos é outra marca do herói. Menelau estima-o particularmente, entre todos os guerreiros aqueus: "nenhum deles choro tanto em minha aflição... porque ninguém entre os Aqueus passou por tantos trabalhos, quantos Ulisses sofreu e suportou" (4). Helena faz também seu elogio: "Não vou contar nem referir todos os feitos do paciente Ulisses; mas falarei somente de quanto o varão ousado tentou e fez em terras de Tróia... Tendo-se golpeado atrozmente e lançado aos ombros uns vis andrajos, penetrou, em figura de escravo, na cidade de largas ruas, habitada pelos inimigos. (...) Após ter dado morte a numerosos troianos, voltou com muitas informações ao campo dos Argivos" (4). O próprio Ulisses afirma: "Tenho andado sempre errante e a sofrer aflições". E a deusa Atena faz referência ao "valente ânimo" do filho de Leartes, "para palavras e obras" (2).

O denodo guerreiro, aliado à ânsia de glória, normal num homem da sua estirpe e valor, faz que ele lamente a morte inglória que se lhe afigura iminente: "Três e quatro vezes felizes os dânaos que pereceram na grande Tróia. Antes eu tivesse morrido também... naquele dia em que os Troianos, em grupo numeroso, arremessaram contra mim éneas lanças combatendo pela posse do corpo do Pelida. Então teria as honras fúnebres que me eram devidas, e os Aqueus divulgariam a minha fama; mas agora está destinado que eu morra sucumbindo a uma lamentável tempestade" (5) - passo famoso, inspirador de Virgílio e, indirectamente, de Camões.

Não obstante trabalhos e aflições, ... o Senhor de Ítaca não perde o apetite. E é com bonomia que assevera, na corte de Alcínoo: "nada há mais insolente que este maldito estômago, que nos constrange a pensar nele; por maiores que sejam as tribulações e por mais consumido de penas que esteja o es-

pírito, como está o meu, ele incita-nos sempre a comer e a beber; e a mim faz-me esquecer, neste momento, quanto sofri e insiste comigo para que o sacie" (7). Nisto difere de Aquiles, a quem repreende por recusar comer e privar de alimento os Mirmidões, após a morte de Pátrocolo, como se acentuou já.

A coragem de Ulisses - já notória, em pequeno, na caça ao javali - só momentaneamente é abalada pelo sobrenatural. A visão macabra das sombras dos mortos, à entrada do Hades, reduz o herói, por instantes, a proporções mais humanas: "o pálido terror apoderou-se de mim" (11). Mas, passado o primeiro impacto, o terror passa também.

Ora os toques mais profundamente humanos são sobretudo evidentes no tempo de paz: Ulisses é o rei bondoso e justo, o amado querido pela sua generosidade, o homem que auxilia os outros homens, o mortal que honra os imortais. "Foi ele quem ofereceu mais sacrifícios que ninguém aos deuses imortais" (1); "nunca algum dos mortais queimou em honra de Zeus... tantos pingues coxas nem tantas hecatombes escolhidas" (19). Telêmaco recorda aos Itacenses: "Meu pai, que um dia, com doçura paternal reinou sobre vós" (2). Mentor comenta: "O divino Ulisses reinou com uma doçura paternal" (2). A própria Atena confirma: "O divino Ulisses reinou com uma doçura paternal" (5). "Nunca vi ninguém que tivesse um coração como o paciente Ulisses", testemunha Menelau (4). Penélope depõe: "Não cometia injustiças contra ninguém, nem dizia palavras injuriosas entre o povo (...), nunca obrou criminosamente contra ninguém" (4). O próprio Eurímaco, um dos turbulentos pretendentes, confessa: "Muitas vezes Ulisses, saqueador de cidades, me assentou nos seus joelhos, me colocou nas mãos carne assada e me ofereceu do seu vinho tinto" (16). Também ao aedo Demódoco oferece Ulisses uma bela peça de carne, durante um banquete, para o brindar pelo seu canto (8). E uma vez mais Penélope elogia: "Meu marido era exornado de todas as virtudes e o melhor entre os Aqueus" (18). Eumeu, o porqueiro, anseia dia e noite pelo regresso do senhor: "Jamais encontrei em parte alguma um senhor tão bondoso, ainda que voltasse para casa do meu pai e minha mãe... E não me aflijo tanto por causa deles como pelas saudades que sinto do ausente Ulisses,...o meu querido Senhor" (14). O próprio cão Argos, velho e doente, desprezado desde que Ulisses partira, tem o culto do seu dono. E, passados vinte anos de ausência, é ele o primeiro a reconhecer-lo, mesmo sob os andrajos de mendigo (17). Por seu turno, o rei assevera: "Dei muitas vezes esmola ao pobre, fosse quem fosse, e por qualquer que fosse a sua necessidade" (17; 19).

A sua capacidade de comoção, de sofrer com o sofrimento dos seus, revela-a, por exemplo, no Hades, quando encontra a sombra da mãe, a quem tenta abraçar (11); ou quando, na her-

dade de Laertes, encontra o velho pai, desinteressado de tudo, menos das saudades de seu filho (24).

Durante o massacre dos pretendentes, o aedo e o arauto Medonte são poupados, porque estavam inocentes; mas para os criminosos é a morte abominável. Atitudes contrastantes (e justas), sublinhadas por palavras que resumem a moralidade do sucesso: "Cobra ânimo,... para que conheças em teu coração, e o possas dizer a outrem, quanto as acções boas prevalecem sobre as más" (22). E a Euricleia, que gritava de regozijo ao ver as pilhas de pretendentes mortos, repreende: "... é uma impiedade lançar vozes de triunfo por causa dos homens que foram mortos. Fizeram-nos perecer o destino dos deuses e as suas acções malvadas, pois não respeitavam nenhum homem, nem mau nem bom, que se aproximasse deles; por isso, por causa das suas iniquidades, tiveram uma sorte lamentável" (22). Ulisses é, pois, um justiceiro e uma espécie de instrumento da justiça divina.

As complicadas mentiras que o herói vai tecendo e narrando a cada um que encontra em Ítaca serão talvez passíveis de várias explicações; ou serão, talvez melhor, explicáveis por um conjunto de características positivas do seu autor: a prudência levada ao exagero, que sempre deseja jogar pelo seguro; a imaginação fértil, que se compraz em inventar sucessos enredados; no fundo, uma inteligência viva e expedita, com soluções imediatas. Porventura, e também e em parte, o desejo de experimentar aqueles que ama, o prazer de ouvir delas palavras de afecto e lealdade. Possivelmente também - como Atena considera, com certa malícia -, o gosto da invenção, da "criação", da aventura que se prolonga, para lá da "realidade", pela magia da palavra: "os discursos falazes de que tanto gostas no fundo do teu coração".

Nota: Edições consultadas da *Iliada* e da *Odisseia*, em tradução:

- . Garnier-Flammarion
- . Sá da Costa